

Artigos

Inovações na Morfologia do Português Brasileiro: tendências para a ampliação do léxico por gramaticalização, lexicalização, analogia

Pedro Perini-Santos*

Heliana Mello^o

Resumo: O presente artigo apresenta proposta de explicação analógica para o surgimento de algumas novas formas lexicais do vernáculo brasileiro. A partir de ocorrências selecionadas on line, constatou-se que há novos modelos de substantivos em uso. Serão analisados especificamente (i) os nomes populares dados aos estádios de futebol terminados em *-ão*; (ii) os nomes de algumas bebidas alcóolicas derivadas da expressão *caipirinha*; (iii) os nomes de uma tipo de sanduíches nomeados com a forma inicial X- e (iv) as designações dadas a espaços sociais terminados em *-dromo* (v) ou com partícula 's. Ao final, alguns comentários conclusivos serão apresentados em tópicos, apontando para a importância dos estudos diacrônicos como mecanismo de explicação das formações lexicais, contestando-se, com, isso o valor explicativo das Regras de Formação de Palavras.

Palavras-chave: Morfologia; Gramaticalização; Lexicalização; Analogia; Reanálise Sintática

Abstract: This paper advances an analogical explanation proposal for the rise of some innovations in the Brazilian vernacular lexicon. Stemming from a data collection from web sites, it was verified that there are new nominal forms in use in the language. In this paper the following will be focused upon: (i) popular names assigned to football stadiums ending with the augmentative suffix *-ão*; (ii) alcoholic drinks whose names are derived from the expression *caipirinha*; (iii) sandwich names departing from the form X-, and (iv) social locations designated by forms ending in *-dromo* or (v) with the particle 's. Finally some summarizing topics will be listed, arguing for the relevance of diachronic studies as the explanatory basis for the emergence of new lexical forms, therefore restricting the explicatory Power of Word Formation Rules.

Key-words: Morphology; Grammaticalization; Lexicalization; Analogy; Syntactic Reanalysis

Estudos especificamente organizados sobre morfologia lexical são ainda restritos na prática da pesquisa linguística pós-saussuriana, e, mesmo assim, com pouca autonomia teórica. Na abertura de *The Handbook of Morphology*, Andrew Spencer e

* Professor Adjunto III dos Departamentos de Letras e de Comunicação Assistiva da PUC-Minas Pesquisador do Grupo Incógnito (CNPq). pedroperini@hotmail.com

^o Professora Associada III da Faculdade de Letras da UFMG. Pesquisadora-Líder do Grupo Incógnito (CNPq). heliana.mello@gmail.com

Arnold Zwicky apontam para o fato de a morfologia espelhar “imposições” teóricas advindas de outras áreas de estudo sobre a linguagem, referindo-se a ela como “a Polônia da linguística, [porque vive] à mercê das mentes imperialistas vizinhas” (2001, p. 01).

Foi a partir dos anos 1960, assume-se, que pesquisas sistemáticas sobre a morfologia começaram a ser organizadas assumindo as explicações gerativistas apresentadas por Noam Chomsky e Morris Halle em *The Sound Pattern of English* (1968), e em “Remarks on Nominalization” (1970), também de Chomsky. As publicações propõem que, pelo princípio da recursividade, o léxico é um componente ativo da gramática dotado de mecanismos para a geração de novos itens. Esses mecanismos são tomados como regras; são as Regras de Formação de Palavras (RFP). Decorre desta opção composicionalista, a desconsideração dos estudos morfológicos diacrônicos, analógicos e gradualistas, que não se encaixavam nesse quadro teórico. Assim, temas relativos aos processos de gramaticalização, lexicalização e analogia só retornariam à agenda vigente a partir dos anos 1980. Comentário semelhante sobre o advento dos estudos morfológicos encontra-se em Gary Libben e Gonia Jarema (2006).

2. Organização e questões do texto

O objetivo central deste artigo é a descrição de alguns novos modelos lexicais de substantivos do português do Brasil (daqui pra frente, PB). A emergência desses novos modelos será descrita a partir dos três mecanismos: (i) a **gramaticalização**, que é a emergência de novos elementos mórficos junto a modelos lexicais; (ii) a **lexicalização**, que é a passagem de um morfema ao estatuto de palavra, e (iii) a **analogia**, que é um mecanismo associativo de aplicação de composições novas lexicais em novas ocorrências. O texto foi organizado da seguinte forma: primeiro, são apresentados os conceitos pertinentes ao tema da pesquisa; em seguida, são expostos os dados coletados e, finalmente, são propostos comentários que sustentam a ideia de haver alguma ampliação nominal no PB que carecem de investigação histórica mais apurada, mas que já apontam para uma interessante especificação lexical.

3. Morfologia: contextos sociais e mudanças lexicais

A morfologia é uma área da linguística bastante profícua a ser explorada por linhas da pesquisa que consideram a atuação dos falantes e dos contextos comunicativos, históricos e culturais como elementos ativos nos processos de mudança e manutenção das línguas. Assim posto, as mudanças linguísticas passam a ser legadas aos usuários das línguas. A análise das mudanças lexicais se devem às práticas comunicativas e associadas às variações tipológicas das línguas e não às estruturas mórficas elas mesmas, que efetivariam uma presumível otimização do léxico por motivação própria¹.

Exemplos sólidos para essa hipótese podem ser encontrados em estudos que relatam situações de contato entre línguas e culturas que modificaram as práticas societárias e, assim, renderam mudanças nos idiomas. São exemplos desse fenômeno a entrada de preposições alemãs em dialetos búlgaros, relatada por Birgit Iгла (1999); a presença de itens lexicais crioulos no vernáculo do Brasil, descrita por Heliana Mello (1999), John Holm (2004) e Dante Lucchesi *et al.* (2009); a assimilação de formas verbais celtas pela língua inglesa, narrada por John McWhorter (2008); a incorporação do morfema português –dor a algumas expressões agentivas em Tétum, como: *oho* (matar) > *ohodór* (assassino), em John Hakek e Catarina Klinken (2003) e a expansão transcontinental da forma –gate em expressões do tipo *Collorgate* (Brasil), *Rubygate* (Itália) e *Irangate* (Estados Unidos) a partir do escândalo do *Watergate* nos Estados Unidos, como descreve Brian Joseph (2001).

É também exemplo desse fenômeno a coabitação entre expressões inglesas e latinas na execução dos sermões durante o período do inglês medieval. Esses textos híbridos foram analisados por Siegfried Wenzel (1994), que os apelida *sermões macarrônicos*, servindo-se de expressão cunhada ao final do século XV. O que Wenzel constata é que as mudanças comportamentais e sociais da Inglaterra daquele período, e a consequente reverberação temática nas homilias, fizeram com que uma importante quantidade de palavras inglesas fosse incorporada “em latim” aos sermões, gerando, assim, textos mórfica e lexicalmente híbridos.

3.1. Sobre o conceito de gramaticalização

¹ Seguindo linha teórica distinta, há uma série de estudos sociocognitivos sobre o licenciamento lexical desenvolvidos por pesquisadoras da UFJF; dentre elas N.Salim, 1980; L.Botelho, 2004 e C.Carmo, 2005). A proposta sociocognitiva não é excludente à qual se filia este artigo, porém não será considerada.

Um dos mecanismos que geram mudanças nas línguas é a gramaticalização. **Gramaticalização** não é um conceito novo. Já se discutia o tema na obra de Wilhelm von Humboldt (1836)². Para a atual agenda acadêmica, atribui-se a Antoine Meillet (1958 [1912]) e a Jerry Kuryłowicz (1965) a formulação do conceito tal como é utilizado, sendo que ao primeiro tributam-se a nomeação e a especificação do fenômeno como a transformação de uma palavra autônoma em um elemento gramatical; e, junto ao segundo, reconhece-se a definição de gramaticalização como “a elevação de um morfema a um estatuto mais gramatical a partir de um item lexical menos gramatical” (1975 [1965], p.52). No Brasil, dentre os importantes trabalhos dedicados ao tema, encontram-se as descrições e debates sobre o fenômeno nos textos de Mário Mattelota, Sebastião Votre e Mário Cezario (1996), de Jânia Ramos e Lorenzo Vitral (2006), e de Sebastião Gonçalves, Maria Célia Lima-Hernandes e Vânia Cristina Casseb-Galvão (2007).

São exemplos conhecidos de gramaticalização os marcadores de advérbio e de substantivo do inglês *-ly* e *-hood*. O morfema *-ly* tem origem na forma do inglês arcaico *līc*, cujo significado primevo era “aparência, corpo”, e *-hood* é uma evolução da palavra *hād*, que significava “estado, condição” em sua forma original. Outros exemplos recorrentes na literatura são o marcador de advérbio das línguas românicas com o traço *-mente* e a partícula de negação francesa *pas*, cujo significado nominal inicial é “passo”. Além desses casos, também algumas preposições parecem advir de processos de gramaticalização, como a forma portuguesa *de* [*<*do* (indo-europeu) “fonte, origem”] e a preposição egípcia, *m-q3b* (“no meio de”), cuja fonte lexical significava “intestino” (Perini-Santos, 2007)³.

3.2. Sobre o conceito de Lexicalização

² Em W.Humboldt: “Words which have really thus originated can become so unrecognizable in the course of time that it is difficult to decide whether they are derivations or original words.” (1971 [1836], p. 75)

³ Em *Meaning Change in Grammaticalization*, R. Edckardt (2006) discorre sobre suas etapas cognitivas da gramaticalização, sobre sua relação com a reanálise sintática e morfossintática e, sobretudo, sobre contradições presentes no conceito amplo de gramaticalização. Para a autora, um dos aspectos críticos da teoria vigente concerne à indefinição das relações metonímicas, metafóricas e denotativas, presentes nos processos de gramaticalização, que são tratadas de forma indiscriminada.

É comum que se apresente o conceito de **lexicalização** subsequentemente ao conceito de gramaticalização. Ora como conceitos complementares, ora como conceitos excludentes e ora como conceitos contrários, a relação entre lexicalização e gramaticalização engendra importantes considerações teóricas e empíricas. A nosso ver, são debates bastante produtivos, notadamente se esses dois processos forem associados a outras formas de surgimento de itens lexicais como as cristalizações, as petrificações, as canonizações, e as fusões de morfemas e lexemas (Brinton e Traugott, 2005; Campbell, 2001). (Vale assinalar que o conceito de lexicalização em Leonard Talmy (2001) remete, apesar da homonímia, a uma noção diferente, porém não conflitiva. Para o autor, diz-se que uma expressão exerce valor lexificado a partir do momento em que ativa automaticamente um esquema causal sem a necessidade de serem explicitados todos os elementos que dele participem. Talmy não será considerado neste trabalho.

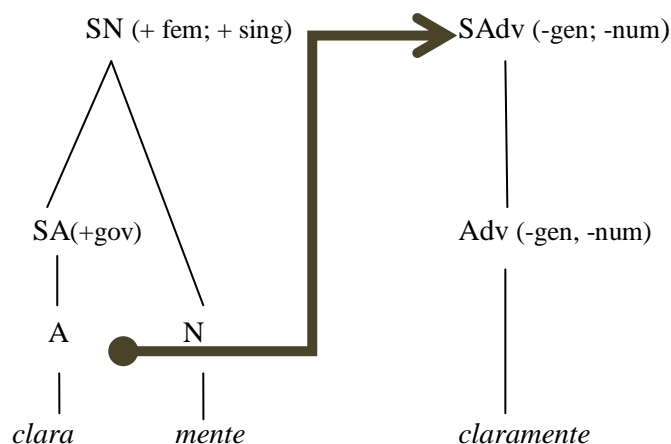
Para esta pesquisa, vamos assumir que ocorre lexicalização quando um morfema ou uma forma dependente tornam-se itens lexicais autônomos ou pelo menos relativamente autônomos. Assim, as expressões *ex*, em (a) *Não quero mais rever o meu ex*; *hexa*, em (b) *O Brasil luta pelo hexa*, e *ismos*, como ocorre em (c) *Não me venha com mais um de seus ismos*, são exemplos de lexicalização no PB contemporâneo. Para o inglês, exemplifica-se o fenômeno com o casos do verbo *to up* – (d) *They up the prices in the Summer* (Eles sobem os preços no verão) – e com a expressão *lord*, que tem origem na lexicalização fusional dos formas arcaicas *hlaf* (“preguiçoso”) e *weard* (“protetor”) (Brinton e Traugott, 2005). No francês contemporâneo, reconhece-se lexicalização em *chez*, expressão *passé-partout* referente a “em casa”, uma vez que a expressão é especificada por formas tônicas como *moi*, *soi*, *lui* etc, como em (e) *Ici, c’est chez moi* (Aqui é a minha casa) (Harrison & Ashby, 2003). O mesmo efeito é encontrado nos verbos *tutoyer* (< *tu*) e *vouvoyer* (< *vous*), respectivamente: “tratar por *tu* e “tratar por *vós*”. Amplas listas de referências sobre o tema aparecem em Richard Janda (2001) e em Muriel Norde (2001).

4. Criação Lexical por Analogia: revisão do conceito de RFP e análise dos advérbios de traço –mente

A interpretação da produtividade lexical por **processos analógicos** derivados de gramaticalização não segue a mesma linha de raciocínio da formação de palavras por mudança de classe lexical a partir de RFPs. A ocorrência dos advérbios com traço –mente é exemplo dessa diferença. Para Margarida Basílio (1998), se for verdade que esse tipo de advérbio é formado através de um sufixo que se adiciona a elementos da classe dos adjetivos, tem-se uma situação de contradição com as RFPs, posto que:

As formações adverbiais em –mente são construídas a partir da forma feminina do adjetivo correspondente, assim configurando uma situação que fere frontalmente a regra geral de que formas flexionadas não podem ser derivantes. (Basílio, 1998, p.00)

A “regra geral” não se aplica no caso dos advérbios com a forma adjungida –mente, porque esse modelo teria como base um item com marca de gênero feminino. Esses advérbios são resultado de processo analógico e não derivativo, como se apresentou. Se assumirmos como ocorrência inicial a forma latina *clara mente*, não se tratará da filiação de uma forma gramaticalizada ao adjetivo *clara* em posição sintaticamente inferior. O movimento é diferente: a forma *clara* que ocorre no gênero feminino do caso ablativo, porque *mente* assim está. Após a reanálise sintática da estrutura $SN[SA[A[clara]]N\ mente]$ em $S_{Adv}[Adv[claramente]]$, a função de núcleo continua a ser atribuído ao SN. Uma vez que o $SN[mente]$ exerce função de núcleo mórfico, as flexões nominais do sintagma comandado $SA[clara]$ manifestam-se como gênero e número governados (+fem;+gov) e (+sing;+gov). Os advérbios de traço –mente não são, portanto, gerados a partir de uma RFP de formato $[Adj_{(+fem;+sing)} + (-mente) \rightarrow [Adv_{(-gen;-num)}]$. As marcações (+fem) e (+sing) são formas cristalizadas internamente ao $S_{Adv}(-gen; -num)$, sem valor semântico, e que têm origem no SA em que ocorriam como marcas mórficas (+gov):



ESQUEMA 1: demonstração esquemática da reanálise sintática [SN [SA]] > [SAdv]

O que era estruturado em dois sintagmas, com a função de núcleo atribuída ao segundo termo, passa a funcionar como um único sintagma. Em Manuel Said Ali (2000 [1921]), obra citada por Basílio (1998), há uma passagem que em muito se aproxima das propostas de gramaticalização, reanálise sintática e analogia léxico-produtiva:

enriqueceram-se as línguas latinas /.../ com várias criações novas e, em especial, com os advérbios em –mente que se tiram de adjetivos. Essa terminação nada mais é do que o ablativo do latim *mens* v.g. em *bona mente*. Por algumas locuções deste tipo se modelaram outras muitas, acabando por obliterar-se a significação primitiva do substantivo e passando este a valer tanto como um sufixo derivativo. (Said Ali, 2000 [1921], p.140)

Essa é a ideia de uma evolução produtiva diacrônica em que sequencialmente ocorrem gramaticalização, reanálise e analogia. Novas formas lexicais ocorrem pela replicação dos traços distintivos de uma ocorrência inicial-modelo, sendo que esse modelo passa a ser progressivamente usado por uma comunidade linguística se atenderem a alguma necessidade comunicativa. É por esse motivo que surgem novos substantivos, adjetivos, verbos, e advérbios, mas não surgem novas marcas de pluralização ou novas marcas verbais no PB, porque a língua já dispõe desses recursos. Apenas ocorrem novos itens lexicais em uma língua por mecanismos analógicos ou por empréstimo se for necessário, se for aceitável e se possível se fizer, atendendo, assim, às premissas da mudança linguística propostas por Weinreich, Labov e Herzog (1968).

É interessante registrar que em artigo publicado em 1997, com argumentação diversa à apresentada na publicação de 1998, Basílio oferece discussão semelhante à

que apresentamos. A autora assinala que há muitos casos que não se enquadram em uma RFP, cuja dinâmica não dá conta de situações de composição, mas apenas de derivação; a autora conclui que:

vimos até agora que (a) toda e qualquer construção descrita por RFPs pode ipso facto ser descrita por PA [Processo Analógico], e (b) nem todas as construções por PA são adequadamente descritas por RFPs, a menos que se altere significativamente nosso entendimento do que sejam RFPs. (Basílio, 1997, p.18)

Dentre os casos que só se justificam por PA, Basílio lista as expressões *camelódromo*, *namoródromo* e *cheeseburger*, formas essas que segundo ela ‘podem ser facilmente explicadas em termos de PA’. De forma mais detalhada e com dados coletados em uso real, são casos como esses que serão analisados no presente artigo. Voltaremos a esse ponto teórico ao final do artigo.

5. Novos casos, especificação do PB

Analisaremos os seguintes casos específicos do PB: (i) *caipirinha* e derivados; (ii) nomes populares de estádios de futebol terminados em *-ão*; (iii) locais para entretenimento com final em *-dromo*; (iv); sanduíches iniciados em *x-* e (v) nomeação para restaurantes, bares e afins com a marcação *-‘s*.

5.1. Capirinha, caipirosca, caipifruta, roska, caipi

“Caipirinha” é uma bebida tipicamente brasileira. Registra-se que a nomeação dessa mistura de cachaça com limão, açúcar e gelo vem da palavra *caipira*, originária da expressão tupi *caipora* que significa “gente do mato” (Hou, 2001, s.v. *caipira*).

Através do buscador Google, com as instruções de coleta PÁGINAS EM QUALQUER FORMATO ESCRITAS EM PORTUGUÊS E LOCALIZADAS NO BRASIL, em uma das pesquisas feitas durante a redação deste artigo em 05/04/2011, a forma *caipirinha* foi localizada em 97.000 entradas. É certo que a coleta de dados pelo Google tem severas restrições metodológicas: pode haver repetições na contagem das ocorrências investigadas, dificuldades na seleção dos dados coletados, efeitos de sazonalidade e, sobretudo, descontrole de qual tipo de acesso se tem à rede WWW (cf. Brin e Page, 1998). Há

ainda importante variação do número de entradas mesmo se a busca for feita em um mesmo mês. Ou seja, para uma pesquisa de linguística de corpus, essa forma de seleção de dados não é adequada. No entanto, e para os propósitos metodológicos desse trabalho, essa busca on line simples fornece indicação para saber se a palavra está ou não está em uso; o que é nosso objetivo aqui. Esse artigo não se baseia nos procedimentos de linguística de corpus⁴. Além das indicações sobre o item lexical *caipirinha*, muitas entradas analógicas, como *caipi*, *roska caipiroska*, *capifruta*, *caipi-abacaxi*, *capimorango* e *caipimate* foram listados na Tabela 1:

Expressões	Nº de Ocorrências
Capiroska ou caipirosca	60.900
Caipi	19.700
Roska	13.000
Caipi(r)uva	600
Capimorango	200
Capiabacaxi	83
Capimate	60

TABELA 1: Expressões derivadas de caipirinha, coletado em 05.04.2011, pelo Google

O surgimento de novas práticas no consumo de bebidas alcoólicas fez com que a partir de uma palavra inicial outras expressões fossem criadas por analogia e adaptações. Há alguns fenômenos relativos à criação de itens lexicais novos e elementos mórficos a serem observados:

- **caipirinha > caipivodka > caipiroska/caipirosca**: as formas *caipirosca* e *caipiroska* são resultado de adaptações fonéticas de assimilação devidas à incorporação da palavra *vodka* junto à forma *caipi-* presente nos ambientes *caipivodka* e *caipivodca*. O surgimento de *caipivodka* e *caipiroska*, e suas variações gráficas, dá-se pela associação de uma nova prática etílica, o uso da “vodka” no coquetel, a um item lexical já existente. Apesar de ser a parte da inicial da palavra, a forma *caipi-* exerce função de lexema. O lexema *capi-* quer dizer algo como ‘coquetel feito com frutas, açúcar, gelo’ e aceita cachaça, se *caipirinha*, e aceita vodka, se *caipivodka* ou *caipiroska*.

⁴ Sobre o tema, ver Berber-Sardinha, 2000.

- **caipirinha/caipiroska/caipivodka > caipi-** : como lexema, caipi- foi localizada nas palavras *caipifruta*, *caipiruva*, *caipi-uva*, *capi-manga*, *caipi-caja*, *caipi-maracuja*, *caipi-abaxai*, *capi-mate* e com outras frutas usadas na confecção do coquetel. Através de um processo de regramaticalização, ou seja: caipira > caipirinha/caipivodka > caipi-, o afixo caipi- passa a funcionar como um lexema que atua como afixo associado a outras formas nominais com valor semântico relativo a *caipirinha* e não a *caipira*. Nesse caso, o lexema caipi- quer dizer algo como ‘coquetel feito com caçacha, ou vodka, açúcar, gelo’ e aceita uma fruta a ser especificada pelo substantivo adjungido. Em função do uso em *caipirinha* e *caipiroska*, caipi- foi regramaticalizado.
- **caipirinha/caipivodka/caipiroska > caipi- > caipi e roska**: os sintagmas *roska* e *caipi* foram localizados em expressões verbais como “fazer uma roska”, “fazer uma caipi”, “beber uma roska” e “beber uma caipi”; essas palavras aparecem também nas expressões “mesa de roska”, “mesa de caipi”, “fazedor de roska” e “fazedor de caipi”, dentre outras formulações semelhantes, sendo que tanto a forma *caipi* quanto a forma *roska* ocorrem como item lexicais plenos. Há ocorrências no plural e em SNs com formatos complexos:

- (a) SN[roska_{SA}[deliciosa]], SN[caipi_{SA}[deliciosa]]
- (b) SN[Det[as_N[roskas]], SN[Det[as_N[caipis]]]
- (c) SN[roska_{SP}[de morango]], SN[caipi_{SP}[de morango]]
- (d) SN[Num[três_N[roskas]], SN[Num[três_N[caipis]]]
- (e) SN[receita_{SP}[de SN[N[roska]]]], SN[receita_{SP}[de SN[N[caipi]]]]

As duas palavras aparecem também com SN(Spec) em frases como “as caipis fazem sucesso” e “as roskas não ficam esquecidas” e como SN(Comp) em “bebo cerveja, roska, tequila” ou “sou mais tomar umas caipis [do que...]”. As duas formas foram lexicalizadas, porque ocorrem como manifestações lexicais plenas.

5.2. Apelidos para Estádios de Futebol

Segundo dados da CBF (Confederação Brasileira de Futebol), dos 634 estádios brasileiros registrados, 303 unidades, 47,8% do total de estádios, têm apelido (ou nome popular); sendo que, desses, 168, 26,5% do total de estádios, terminam em –ão; e 135, 21,3% do total de estádios, apresentam outro apelido ou redução. Os dados aparecem organizados na tabela a seguir:

Estádios	Nº de Unidades		%	
Sem Apelido	331		52,2	
Com apelido em -ão	168	303	26,5	47,8
Com outros Apelidos	135		21,3	
Total	634		100	

TABELA 1: Distribuição de ocorrência de apelidos, ou sua ausência, nos estádios de futebol

Graficamente, temos a seguinte distribuição:

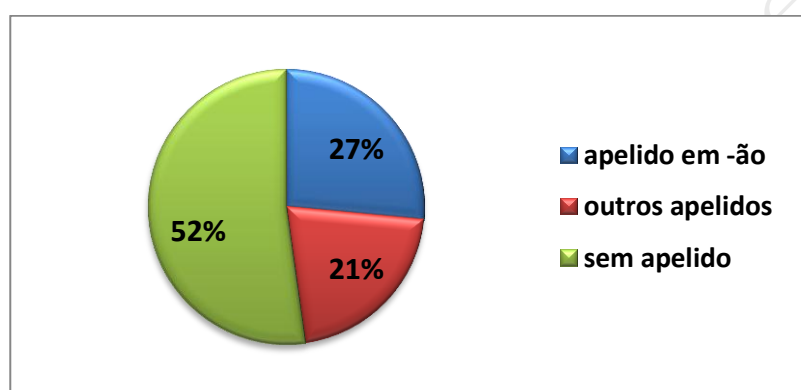


GRÁFICO 1: distribuição proporcional de apelidos, ou ausência, nos estádios de futebol, dados CBF (2010)

Os 310 estádios que têm apelidos se dividem em dois grupos: 55%, 168 unidades, apresentam apelidos em -ão, como “Mineirão” para o estádio Magalhães Pinto, em Belo Horizonte, “Engenhão” para o estádio “João Havelange”, no Rio de Janeiro e “Ipatingão” para o estádio “Epaminondas Mendes”, em Ipatinga. As demais 135 unidades, 45 % restantes do total de estádios com apelidos, apresentam outra forma de apelido ou redução do nome, como “Mutange” para o estádio Gustavo Paiva, em Maceió e “Fonte Nova” para o Octávio de Magalhães, em Salvador; “LM” para “Lindolfo Monteiro”, em Teresina, “Dutra”, para “Presidente Dutra”, em Cuiabá, e “Scarpelli”, para “Orlando Scarpelli”, em Joenville. Graficamente, tem-se a seguinte distribuição:

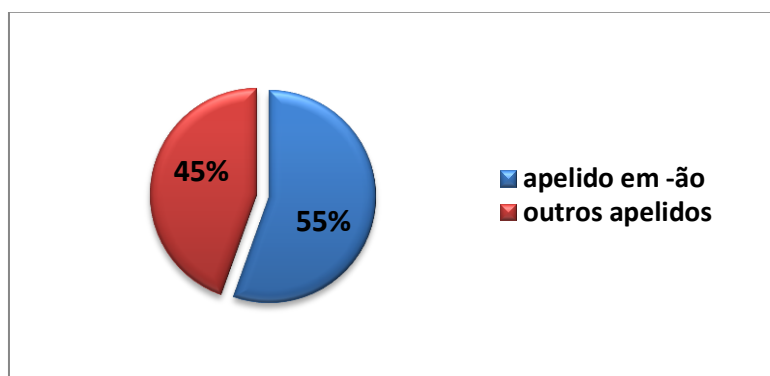


GRÁFICO 2: Distribuição de ocorrência de apelidos em -ão ou outra forma de apelido ou redução.

Por região do país, os dados aparecem organizados na tabela 2:

Regiões	Apelido em -ão (a)	%	Outro Apelido (b)	%	(a) + (b)	%	Sem Apelido	%
Norte	17	42,5	9	22,5	26	65	14	35
Nordeste	82	40,8	35	17,4	117	58,2	84	41,8
Centro-Oeste	27	26,5	19	18,6	46	45,1	56	54,9
Sudeste	36	18,5	39	20	75	38,5	120	61,5
Sul	6	6,25	33	34,4	39	40,6	57	59,4
Total	168	26,5	135	21,3	303	47,8	331	52,2

TABELA 2: Distribuição proporcional de ocorrência de alguma forma de apelido (por região).

Relativamente ao montante de estádios com apelidos, somando (a) + (b) da tabela 3, tem-se a seguinte relação de proporcionalidade entre as regiões:

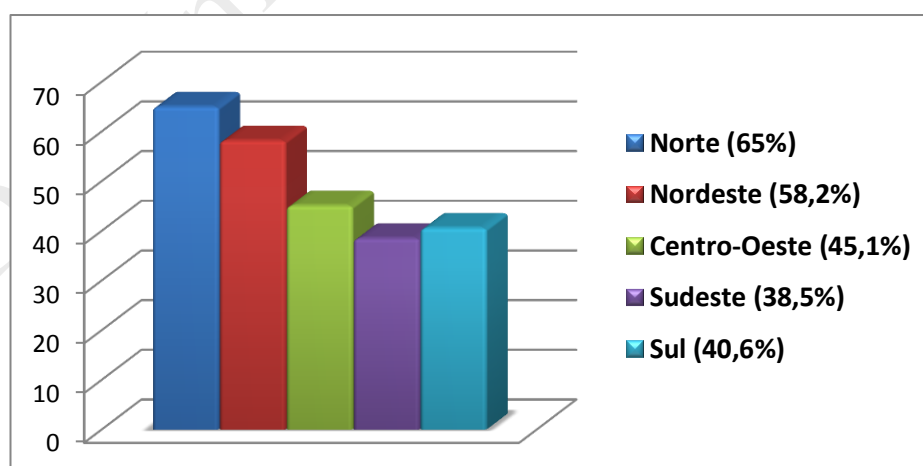


GRÁFICO 3: distribuição proporcional de ocorrência de alguma forma de apelido em estádios (por região).

Considerado o número total de estádios que tenham alguma forma de apelido, prevalecem aqueles com o final –ão nos Estados da região Norte e Nordeste:

Regiões	Outras formas de apelido	%	Apelidos em -ão	%
Norte	26	65	17	65,4
Nordeste	117	58,2	82	70,1
Centro-Oeste	46	45,1	27	58,7
Sudeste	75	38,5	36	48
Sul	39	40,6	6	15,4
Total	303	47,8	168	55,4

TABELA 4: Estádios com apelidos em -ão ou outra forma de apelido (por região)

Graficamente, tem-se a seguinte apresentação:

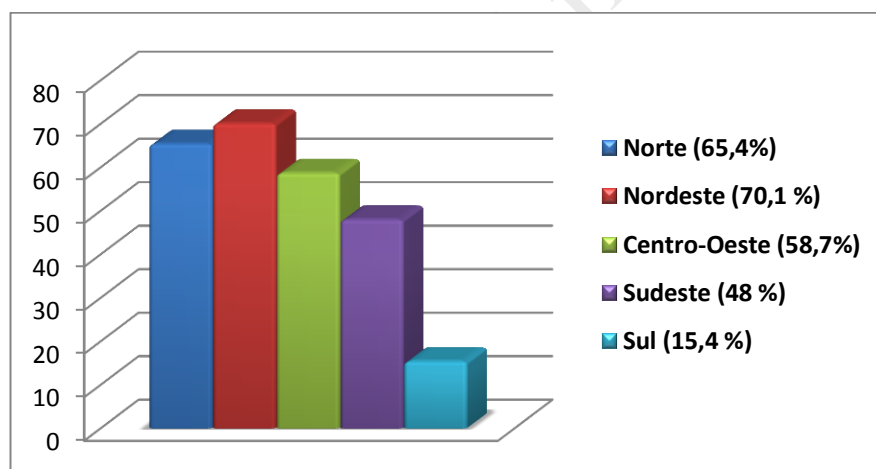


GRÁFICO 4: Distribuição proporcional apelido em -ão em estádios que tenham apelido (por região).

Por ordem decrescente por Estado, como aparece a seguir na Tabela 5, nota-se que na região Sul há proporcionalmente menos casos desse tipo de apelido, com as taxas de incidência de apelidos em –ão inferiores a 30%. Nota-se também uma maior ocorrência de apelidos em –ão nas regiões Norte e Nordeste: em 12 dos 16 Estados dessas duas reuniões, as taxas são iguais ou superiores a 60%:

Estado	Região	Nº e % Apêlidos em -ão/ Apêlidos	Exemplos
Amapá	NO	(2/2) 100%	Glicerão, Zerão
Ceará	NE	(21/26) 80,8%	Albertão, Castelão, Trancredão
Maranhão	NE	(8/11) 80%	Binezão, Rodrigão, Nagibão
Pará	NO	(8/10) 80%	Barbalhão, Modelão, Mangueirão
Paraíba	NE	(8/10) 80%	Marizão, Mangabeirão, Almeidão
Rio Grande do Norte	NE	(8/10) 80%	Edgarzão, Machadão, Bezerrão
Tocantins	CO	(8/10) 80%	Bigodão, Delfinão, Ipirangão
Piauí	NE	(4/5) 80%	Duduzão, Piscinão, Tiberão
Mato Grosso do Sul	CO	(9/12) 75%	Madrugadão, Douradão, Carecão
Bahia	NE	(12/18) 66,7%	Carneirão, Barradão, Barbosão
Alagoas	NE	(4/6) 66,7%	Fumerão, Ferreirão, Nelsão
Minas Gerais	SE	(8/13) 61,5%	Mineirão, Ipatingão, Uberabão
Amazonas	NO	(3/5) 60%	Chicão, Gilbertão, Vivaldão
Mato Grosso	CO	(4/7) 57,1%	Cerradão, Geraldão, Verdão
Sergipe	NE	(10/18) 55,6%	Andrezão, Francão, Batistão
Pernambuco	NE	(7/13) 53,8%	Galdenção, Lacerdão, Pereirão
São Paulo	SE	(19/36) 52,8%	Pedrão, Limeirão, Gilbertão
Rondônia	NO	(3/6) 50%	Aluizão, Biancão, Cassolão
Espírito Santo	SE	(4/10) 40%	Klebão, Marcão, Robertão
Goiás	CO	(2/5) 40%	Ferreirão, Arapução
DF	CO	(4/12) 33,3%	Rorizão, Bezerrão, Abadião
Roraima	NO	(1/3) 33,3%	Ribeirão
Rio de Janeiro	SE	(5/16) 31,3%	Engenhão, Arizão, Louzadão
Paraná	SU	(3/19) 15,8%	Carangueijão, Pinheirão, Felipão
Rio Grande do Sul	SU	(1/13) 7,7%	Vieirão
Acre	NO	(0/0) 0%	-----

TABELA 4: Proporção de estádios que têm apêlidos com apêlidos em -ão (por Estado)

Seria de grande valia, se dispuséssemos das datas de criação dos estádios, para localizar um momento mórfico inicial, ou “the trigger moment” (Joseph, 2001) e a expansão frequencial de seu uso; o que é projeto de pesquisa em andamento⁵. Isso não resolve totalmente a questão, mas há sinais de ser mais comum a ocorrência dessa marca mórfica em estádios mais novos. Outra interessante indicação que reforça nossa

⁵ Há indicações ter sido o “Mineirão”, inaugurado em setembro de 1965, o primeiro estádio a receber apêlido desse tipo. Dados coletados na imprensa mineira da época indicam essa possibilidade. Esta pesquisa está em curso; e é desenvolvida com o apoio da FAPEMIG e da PUC-Minas, (processo 2011/ 5998).

proposta é o fato de estádios de futebol inexistentes e que devem, ou deveriam, ser construídos para a Copa do Mundo de 2014, já são designados com a marca mórfica aqui analisada; são eles: “Itaquerao” ou “Fielzão”, futuro estádio do Corinthians e o “Piritubão”, estádio malgrado do São Paulo Futebol Clube.

5.3. Autódromo/hipódromo > sambródromo > vários + (-dromo)

Novamente a partir de pesquisa ilustrativa feita pelo Google, com coleta realizada em 05/04/2011, seguindo mesmas especificações anteriores, encontramos os seguintes dados referentes ao uso de palavras com o final -dromo:

Expressões	Nº. de ocorrências
Camelódromo	1.700.000
Autódromo	672.000
Sambódromo	456.000
Hipódromo	257.000
Velódromo	121.000
Beijódromo	6.220
Fofocódromo	1.180
Maconhódromo	633
Namoródromo	344
Paqueródromo	86
Ficódromo	25
Pingódromo	21

TABELA 6: Expressões com terminação em -dromo, via Google, coletado em 05.04.2011

Ainda pelo buscador on line, com um numero de entradas inferior a 5, aparecem também as formas *cervejódromo*, *conversódromo*, *boiódromo*, *pagódromo*, *touródromo*, *esquentódromo*, *pegódromo* e *mijódromo*. Há alguma seletividade semântica na criação de expressões com -dromo. Das formas localizadas, a maior parte alude a algum aspecto lúdico-afetivo do relacionamento humano, como “beijo”, “paquera”, “pegada”, “velocidade”, “cerveja”, “pinga” e “fumar”; não localizamos formas como **remediódromo*, **estudódromo*, **trabalhódromo* ou **tediódromo*, por exemplo.

O surgimento deste novo modelo lexical explica-se pelo fenômeno da regramaticalização e apropriação analógica do afixo –dromo, motivada pelo uso e propagação da expressão *sambódromo*. Ao contrário de autódromo e hipódromo, na expressão *sambódromo*, o lexema samba- é uma forma brasileira, aqui em função de base e de semântica transparente. Sucede que o amadurecimento do conceito arquitetônico e a inauguração do espaço público “sambódromo” no Rio de Janeiro, ocorrida em 1984, e estruturas semelhantes efetivadas em São Paulo, Bauru, Manaus e Macapá, autorizaram, parece-nos, a criação de formas analógicas. *Sambódromo* é uma constituição híbrida semanticamente transparente para os falantes do PB, permitindo, assim, o reconhecimento da semântica do lexema a ser utilizado em novos itens lexicais, como ilustra a imagem abaixo:



IMAGEM 1: Barraca de placas, Salvador (BA). (foto: Cíntia Vieira, 2011)

5.4. X-(tudo), sanduíches brasileiros

Através de processo fonológico de assimilação, a palavra inglesa *cheese*, [chēz] (*queijo*, em português), passa a ser falada como [ʃis] e grafada, em LB, como ‘x-’. O prefixo ‘x-’ significa algo como ‘sanduíche de pão redondo com bife de carne (variável) que aceita tomate, alface e complementos extras que completam a sua nomeação’. Ou seja, se for houver um bife de frango, será x-frango; se for feito com um bife de alcatra, x-alcatra e assim por diante. Ainda através do buscador Google, encontramos as seguintes variantes de x-associado a um complemento [x-] +

abacaxi, polenta, frango, picanha, coração, egg, ovo, carne, egg-burger, hambúrguer especial, burger, lombo, lombo-bacon, lombo-tudo, lombo-salada, salada, salada especial, queijo, batata, batatinha, bife, banana, peixe, presunto,

peru, peru simples, peru-bacon, peru especial, galinha, egg-frango, calabresa, calabresa-milho, bacon, filet, filet mignon, filet-tudo, filet-salada, picanha duplo, frango, caboclinho (com tucumã) e chickenitos (com frango frito). [40 casos]

Localizamos também usos temáticos, metafóricos, metonímicos ou jocosos como aparece em: [x-] +

tudo, tudão, saturno, vênus, júpiter, plutão, sanduíche, especial, super-especial, monstro, monstrinho, princesa, belém, faroeste, montanha, boi, porco, marruco, garrote, bezerro, manda-chuva, pica-pau, mickey, pluto, scania, mercedes, ford, fiat, ignorância, tose, tosco, rato, cão, coração e apaixonado. [35 casos]

Finalmente, há alguns usos que escapam à grafia usual, como se vê na imagem 2. Essas ocorrências servem de indicação da apropriação vernacular, também adaptada, das formas originais *bacon*, lê-se [bākɔn], e *egg*, [eg]:



IMAGEM 2: foto encontrada em site de piadas da internet (acesso em abril/2011)

5.5. Nomes de lugares de entretenimento com a marca [’s]

A marcação de posse inglesa [SN[’s]] – como ocorre em SN[Paul’s car] (“o carro do Paulo”, em português) – é usada no PB para nomear bares, restaurantes e outros locais de alimentação e entretenimento. Referentes a estabelecimentos gastronômicos anunciados como Antonio’s, Silviu’s Renato’s, Dele’s e Varanda’s são

encontrados em Belo Horizonte; Chiko's, Leo's e Estephanio's, no Rio de Janeiro; Stileto's e Fernando's, em Recife, e Cavanha's, John's e Papa's, em Porto Alegre. Se feito um comando para pesquisa no Google como a forma: [SN['s bar]], especificamente para o Brasil e em língua portuguesa, localizam-se 860.000 ocorrências. Se se comandada a pesquisa para [SN['s restaurante]], o procurador seleciona 2.530.000 casos. No buscador Google, aparecem entradas para formas como:

Exitu's Moda, Airton's Moda, Fran's Moda Íntima; Afro-charm's Salão de beleza; Beleza's Salão, VIP's Motel, VIP's Suites, Cat's Motel, Keop's Motel, Hipu's Motel, Deliriu's Motel, Antonio's Palace Hotel, Lago's Hotel, Linnu's Sapataria, Sergio's Calçados, Markinho's Pneus, Elvira's Bistrot, Maria's Bistrot, Exitus's Acessoria Empresarial e Empada's [22 casos].

Assim como para os modelos anteriores, a localização e o mapeamento da progressão de uso dessas ocorrência dessas nomeações é objeto de pesquisa empírica que está em andamento. No entanto, já parece haver uma tendência na seleção dessas nomeações por motivação semântica. Nota-se que não há nomes de lojas como *[x's açougue], *[x's farmácia], *[x's ótica] ou *[x', amortecedores].

6. Comentários conclusivos

Mesmo que se trate de uma pesquisa em curso e de caráter empírico indicativo, alguns comentários conclusivos já podem ser feitos. Eles serão apresentados em tópicos.

1. Constatamos os seguintes usos novos mórfico-lexicais no vernáculo brasileiro. São 2 palavras: *caipi* e *roska*; 3 lexemas: [dromo-], [caipi-] e [x-], e 2 afixos: ['s] e [-ão]. As palavras surgiram através de lexicalização; os lexemas, por gramaticalização e por analogia; e os afixos, por empréstimo e especialização mórfica.
2. A explicação dada ao fato amadurecimento dessas novas formas acontecerem por gramaticalização ou lexicalização, e sua expansão, por analogia, endossam os comentários críticos de Margarida Basílio (1997), para quem, “toda e qualquer construção descrita por RFPs pode ipso facto ser descrita por Processo Analógico [PA], e nem todas as construções por PA são adequadamente descritas por RFPs” (Basílio, 1997, p.18).

3. Apesar de se reconhecer alguma certa regularidade na gramaticalização (genericamente, parte-se do mais concreto e autônomo para o mais abstrato e relacional), há acidentes na história das línguas concernindo à gramaticalização e processos afins. Pode haver mudanças ou desvios de significado (semantic shift) na passagem da palavra de origem para as formas resultantes por razões pragmáticas ou acidentais (Eckardt, 2006; Saussure, 1972 [1916]).
4. Nos processos de gramaticalização, lexicalização, analogia e empréstimo descritos neste artigo, ocorrem os seguintes fenômenos semânticos:
 - a. Meronímia: quando o significado de um lexema faz parte ou é uma porção do significado de outro lexema (Novaes, 2009). Em caipira > caipirinha: o significado ‘grupo humano’ passa para ‘bebida supostamente consumida por esse grupo humano’, ou seja, o traço característico da bebida ‘ser consumida por um grupo humano dito caipira’ se estabelece, com uma especificação mórfica adjungida, [-inha], como a nomeação da bebida em si. Em chesseburger > cheese > [x-], a adjetivação relativa a um componente especificador de um tipo de sanduíche passa a designar toda a categoria de sanduíches; essa categoria é grafada de forma esquemática criada a partir do som da expressão; o que é pouco comum em português.
 - b. Analogia: considerando analogia como a aplicação de um modelo de organização a um outro caso derivado, observam-se as seguintes modificações semânticas nos itens analisados: (i) caipirinha > caipiroska: o lexema caipi- significa ‘bebida etílica feita com frutas, açúcar, gelo’ que aceita “cachaça”, by default, ou “vodka” se especificado pelo lexema -roska. Indicação de o lexema ter esse valor é evidenciada pela composição com nomes de frutas ou outro complemento como em *caipiruva*, *caipimate*, *caipimorango*, *caipimanga* etc. (ii) autódromo/hipódromo > [dromo-]: o uso da expressão *sambódromo* permite a compreensão da composição lexical dos itens lexicais iniciais. Esse fato autoriza formação de novas expressões por analogia, sendo que

o lexema [-dromo] passa a ser designar um ‘lugar destinado a y, que aí y ocorre em abundância’. Assim, se y for “beijo”, tem-se *beijódromo*; se y for “cerveja”, tem-se *cervejódromo*; se y for “presentes”, tem-se *presentródomo* etc. Mesmo que não essa última palavra não exista ou não seja usualmente praticada, em (a) *Na noite de Natal, o Nuno e o João se sentiam num verdadeiro presentódromo*, compreende-se *presentódromo* como ‘lugar em que “presentes” ocorrem em abundância’. (iii) [‘s] posse > [‘s] como nome de estabelecimento comercial: nesse caso ocorre o empréstimo da forma genitiva inglesa por motivação analógica. Em alguns casos, como em *Beleza’s Salão*, *Exitus’s Acessoria Empresarial* e *Empada’s*, por exemplo, ocorre novamente um desvio semântico. A marca [‘s] exerce algum valor impreciso de indicação espacial relacionando as duas partes do SN ou o contexto dêitico.

- c. Especificação: considerando a especificação mórfica como a ocorrência de uma particularização semântica associada a alguma forma mórfica particular. O uso do final -ão nos nomes populares dos estádios de futebol, provavelmente a partir do trigger moment descrito, é um caso de especialização semântica de um modelo lexical em um uso contextualizado. Ou seja, não se afirma que toda e qualquer uso da forma -ão leve à interpretação de “estádio de futebol”, mas, dadas certas condições contextuais e temáticas, tal interpretação torna-se pertinente. Em (b) *A final do campeonato vai ser no Machadão*, ou mesmo em (b) *O Abelhão foi fechado para o Festival de Axé*, onde o cenário temático é menos fechado, é muito possível interpretar *Machadão* como “estádio de futebol”.

Finalmente, acreditamos que esse tipo de pesquisa pode gerar bons resultados em pesquisas futuras que venha a associar fatores sociais, históricos, documentais e a análise frequencial do uso do léxico. Com isso, provavelmente torna-se possível mapear como ocorrem os processos da expansão e modificação do uso lexical nas comunidades linguísticas e as motivações acidentais ou estruturais de sua escolha. A consideração dos

falantes como pessoas em contato com outras línguas e como participantes ativos nas mudanças lexicais dentro da comunidade é uma proposta interessante e que nos aproxima dos estudos sobre epidemiologia linguística (Ansaldo, 2004) e da acidentabilidade na incorporação de formas expressivas (Charpentier, 1999), no nosso caso, aplicadas ao estudo do léxico.

7. Referências Bibliográficas

ANSALDO, Umberto. Contact, typology and the speaker: the essentials of language. **Language Sciences**, 26: 485-494, 2004.

BASÍLIO, Margarida. O princípio da analogia na constituição do léxico: regras são clichês lexicais. **Veredas**, (1): 1, p. 09-21, 1997.

BASÍLIO, Margarida. Morfológica e Castilhamente: um estudo das construções x-mente no Português do Brasil. **D.E.L.T.A.**, 14 (no. especial): 17-28, 1998.

BERBER-SARDINHA, Tony. Linguística de corpus: histórico e problemática. **D.E.L.T.A.**, vol. 16, n.2, p. 32-67, 2000.

BOTELHO, Laura. **Construções agentivas em x-eiro, uma rede metafórica**. Juiz de Fora: UFJF, 2004 (Dissertação de Mestrado).

BRIN, Sergey; PAGE, Lawrence. "The anatomy of a large-scale hypertextual web search engine". In: **7th International World Wide Web Conference**, Brisbane, 1998; disponível em <<<http://infolab.stanford.edu/~backrub/google.html>>>

CAMPBELL, Lyle. "What's wrong with grammaticalization?". **Language Sciences**, 23: 113-161, 2001.

CARMO, Crysna Bonjardim. **A Configuração da rede polissêmica de construções agentivas denominais x-ista: uma abordagem sociocognitiva**. Juiz de Fora: UFJF, 2005 (Dissertação de Mestrado).

CHARPENTIER, Jean-Michel. "O crioulo português de Macau teve influência na formação dos pidgins ingleses do Pacífico?". In: ZIMMERMANN, Klaus (ed.) **Lenguas Criollas de Base Lexical Española y Portuguesa**. Madrid: Iberoamericana/Frankfurt: Vervuert, 1999; pp. 355-372.

CHOMSKY, Noam; HALLE, Morris. **The Sound Pattern in English**. Massachusetts: MIT Press, 1968.

CHOMSKY, Noam. “Remarks on Nominalization”, In: JACOBS, Roderick; ROSENBAUM, Peter (orgs.) **Readings in English Transformational Grammar**. Waltham: Ginn & Co., 1970

ECKARDT, Regine. **Meaning Change in Grammaticalization** - an enquiry into semantic reanalysis. Oxford: Oxford University Press, 2006.

GEERAERTS, Dirk. **Diachronic Prototype** – a contribution to historical lexicology. Oxford: Clarendon, 1997.

GONÇALVES, Sebastião; LIMA-HERNANDES, Maria Célia; CASSEB-GALVÃO, Cristina (orgs.) **Introdução à Gramaticalização, princípios teóricos e aplicações**. São Paulo: Parábola, 2007.

HAKKEK, John; KLINKEN, Catarina. Um sufixo românico numa língua austronésia. **Revue Linguistique Romane**, 67: 55-65, 2003.

HOLM, John. **The vernaculars of São Vicente (Cape Verde) and Brazil**: demographics and degrees of restructuring. Curaçao: Associação Crioulos de Base Lexical Portuguesa e Espanhola, 2004.

HOPPER, Paul; TRAUGOTT, Elizabeth. **Grammaticalization**. Cambridge: Cambridge University Press, 2002 [1993]

HUMBOLDT, Wilhelm. **Linguistic Variability & Intellectual Development**. Miami: University of Miami Press, 1971 [1836].

IGLA, Birgit. Disturbances and innovations in the case system of Bulgarian Romani dialects. **Acta Linguistica Hungarica**, 46(3/4): 201-214, 1999.

JOSEPH, Brian. Diachronic Morphology. In: SPENCER, Andrew; ZWICKY, Arnold (eds.). **The Handbook of Morphology**. Oxford/Malden: Blackwell, 2001.

KURYŁOWIZC, Jerzy. **The Evolution of Grammatical Categories**. Munich: Kink, 1975 [1965].

LANGACKER, Ronald. Syntactic Reanalysis. In: LI, Charles (ed.). **Mechanisms of Syntactic Change**. Austin/London: Texas University Press, 1977; p. 57-139

LUCCHESI, Dante *et al.* **O Português Afro-Brasileiro**. Salvador: UFBA, 2009.

MACHADO, José Barbosa (ed.). **Tratado de Confissom** – edição semidiplomática, estudo comparativo e informático-linguístico. Chaves: APPACDM, 2003 [1489].

MARTELOTTA, Mario; VOTRE, Sebastião; CEZARIO, Maria M. **Gramaticalização no Português do Brasil**: uma abordagem funcional. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

MCWHORTHER, John. **Our Magnificent Bastard Tongue**: the untold story of

English, New York: Gotham Books, 2008.

MEILLET, Antoine. L'évolution des formes grammaticales. In: **Linguistique Historique et Linguistique Générale**. Paris: Champion, 1958 [1912].

MELLO, Heliana. Contato lingüístico na formação do português vernáculo do Brasil. In: ZIMMERMANN, Kalus (ed.) **Lenguas criollas de base lexical española y portuguesa**. Madrid: Iberoamericana / Frankfurt: Vervuert, 1999.

MIRANDA, Neusa Salim. **Agentivos deverbais e denominais**: um estudo da produtividade *lexical*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1980. (Dissertação de Mestrado)

NORDE, Muriel. Deflexion as a contredirectional factor in grammatical change. **Language Sciences**, 23: 231-264, 2001.

NOVAES, Denise. **A Hierarquia Semântica em Tesaurus**. Belo Horizonte: PUC-Minas, 2009. (Tese de Doutorado)

PERINI-SANTOS, Pedro. **Epistemologia Cognitiva para o Estudo das Preposições**: o caso da preposição 'de'. Belo Horizonte: UFMG, 2007 (Tese de Doutorado); disponível em <<<http://www.letas.ufmg.br/poslin/defesas/169D.pdf>>>

PRÉVOST, Sophie. La grammaticalisation: unidirectionnalité et statut. **Le Français Moderne – revue de linguistique française**, 71 (2): 144-166, 2003.

SAID ALI, Manuel. **Dificuldades da Língua Portuguesa**. Brasília: UnB, 2000 [1921].

SAUSSURE, Ferdinand de. **Cours de Linguistique Générale**. Paris: Payot, 1972 [1916].

SPENCER, Andrew; ZWICKY, Arnold (eds.). **The Handbook of Morphology**, Oxford/Malden: Blackwell, 2001.

TALMY, Leonard. **Toward a Cognitive Semantics – Vol. II**. CAMBRIDGE/LONDON: MIT Press, 2001.

VITRAL, Lorenzo; RAMOS, Jânia. **Gramaticalização, uma abordagem formal**. Belo Horizonte: FALE/Tempo Brasileiro, 2006.

WENZEL, Siegfried. **Macaronic Sermons, bilingualism and preaching in Late-medieval England**. Michigan: Michigan University Press, 1994.

WEINREICH, Uriel; LABOV, William; HERZOG, Marvin. **Fundamentos Empíricos para uma Teoria da Mudança Linguística**. São Paulo: Parábola, 2006 [1968].